



## **QUINTAIS AGROECOLÓGICOS COMO PRÁTICAS AGRÍCOLAS DE PROMOÇÃO DE SAÚDE E SEGURANÇA ALIMENTAR E NUTRICIONAL**

Isabelle Cristine Mendes da Silva <sup>1</sup>, Gizelia Barbosa Ferreira<sup>2</sup>, Laeticia Medeiros Jalil <sup>3</sup>



<https://doi.org/10.36557/2009-3578.2025v11n2p331-344>

Artigo recebido em 11 de Junho e publicado em 11 de Julho de 2025

### **ARTIGO ORIGINAL**

#### **RESUMO**

Este estudo teve como objetivo realizar um levantamento de pesquisas científicas que abordam a Agroecologia e a Saúde Única como estratégias para a promoção da saúde. A Saúde Única reconhece a interdependência entre a saúde humana, animal e ambiental, considerando-os componentes integrados de um mesmo ecossistema. Foi realizada uma revisão de escopo com buscas nas bases SciELO (últimos cinco anos) e Periódicos CAPES (últimos dois anos). Como resultado, observou-se um número reduzido de estudos relacionados à Agroecologia, e nenhum artigo que tratasse especificamente da relação entre quintais agroecológicos e Saúde Única. A maioria das publicações concentra-se nos impactos dos agrotóxicos. Conclui-se que há uma lacuna científica relevante na interface entre Agroecologia e Saúde Única, e que o fortalecimento do diálogo entre essas áreas pode contribuir para a construção de um conceito ampliado de saúde, alinhado aos princípios da sustentabilidade e justiça socioambiental.

**Palavras-chave:** Agroecologia; Saúde Única; Saúde coletiva; Sustentabilidade.

---

<sup>1</sup>Doutoranda em Agroecologia e Desenvolvimento Territorial da Universidade Federal Rural de Pernambuco. Email: [isabelle.cristine@ufrpe.br](mailto:isabelle.cristine@ufrpe.br).

<sup>2</sup>Doutoranda em Medio Ambiente y Sociedad (linha de investigação: Agroecología, Historia Ambiental, Economía Ecológica y Ecología Política), na Universidad Pablo de Olavide (UPO). Email.: [gizelia.ferreira@vitoria.ifpe.edu.br](mailto:gizelia.ferreira@vitoria.ifpe.edu.br)

<sup>3</sup>Pós doutora pela UNIVASF e Universidade de Buenos Aires, com estudos sobre a importância das mulheres rurais para a sociobiodiversidade e a SSAN. Email.: [laeticia.jalil@ufrpe.br](mailto:laeticia.jalil@ufrpe.br).



# AGROECOLOGICAL HOMEGARDENS AS AGRICULTURAL PRACTICES FOR THE PROMOTION OF HEALTH AND FOOD AND NUTRITIONAL SECURITY

## ABSTRACT

This study aimed to conduct a survey of scientific research addressing Agroecology and One Health as strategies for health promotion. One Health recognizes the interdependence between human, animal, and environmental health, considering them as integrated components of the same ecosystem. A scoping review was carried out with searches in the SciELO database (last five years) and CAPES Journals (last two years). As a result, a limited number of studies related to Agroecology was identified, and no articles specifically addressed the relationship between agroecological homegardens and One Health. Most publications focus on the impacts of pesticides. It is concluded that there is a significant scientific gap at the interface between Agroecology and One Health, and that strengthening the dialogue between these fields may contribute to the construction of a broader concept of health, aligned with the principles of sustainability and socio-environmental justice.

**Keywords:** Agroecology; One Health; Public Health; Sustainability.

Instituição afiliada –UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO

Autor correspondente: *Isabelle Cristine Mendes da Silva* [isabelle.cristine@ufrpe.br](mailto:isabelle.cristine@ufrpe.br)



## INTRODUÇÃO

Nas áreas rurais do Brasil, o quintal é o espaço onde ocorrem as atividades não comerciais mais importantes da pequena propriedade, desempenhando um papel central no autoconsumo e no fornecimento de nutrientes, fibras, vitaminas e minerais para as famílias agricultoras (AMBRÓSIO et al., 2006).

Segundo Oakley (2004), os quintais contribuem para a preservação de espécies nativas e para a adaptação de variedades locais, ocupando, assim, um papel importante na manutenção do legado cultural. Além disso, os quintais também representam uma resposta à crise socioambiental, ao oferecerem alternativas ao modelo hegemônico de produção agrícola (ALMADA e SOUZA, 2017).

Desse modo, o quintal é um espaço caracterizado não apenas por fenômenos biológicos, mas também por dimensões sociais e culturais, refletindo as necessidades e interesses específicos de cada grupo. Enquanto espaço social, o quintal mobiliza diferentes significados e sentidos de uso, além de valores filosóficos atribuídos pelas famílias agricultoras.

Um quintal rural na Caatinga, por exemplo, abriga elementos de fauna e flora distintos daqueles encontrados em um quintal da região Amazônica. O mesmo ocorre com as experiências vividas e as práticas culturais das famílias nesses espaços.

É nos quintais que agricultores e agricultoras experimentam e aprendem novas técnicas de cultivo, produzem saberes, preservam a agrobiodiversidade e vivenciam experiências. Esses espaços também proporcionam a primeira aproximação de crianças e jovens com o modo de vida da agricultura familiar. Por isso, em diferentes regiões e territórios, a cosmologia relacionada aos quintais imprime processos diversos de mediação cultural com esse espaço. A experiência é fundamental na forma como essa racionalidade é construída (PINILLA, 2019).

Os quintais produtivos diferenciam-se dos sistemas agroecológicos convencionais por estarem geralmente localizados no entorno da casa, com produção voltada prioritariamente para o consumo da família e das pequenas criações. São verdadeiros centros de diversidade agrícola, moldados pelas variações sociais, ambientais e culturais dos ecossistemas em que se inserem (Caballero-Serrano, 2016).

A biodiversidade que compõe esse agroecossistema é o que garante seu papel essencial na subsistência das famílias, atuando também como um fator de



amortecimento biológico e socioeconômico nas unidades produtivas (Salazar-Barreiros, 2015). Os quintais são considerados patrimônios bioculturais, frutos de conhecimentos seculares herdados de sistemas tradicionais e construídos a partir da interação contínua entre seres humanos e natureza. São espaços de experimentação e de processos coevolutivos, com intercâmbios genéticos de espécies vegetais e animais provenientes de diversas partes do mundo (Ninez, 1984).

Durante grande parte do século XX, a fome era tratada como um problema social decorrente de fenômenos naturais. No entanto, a obra de Josué de Castro, *Geografia da fome*, consolidou o entendimento de que a fome é, na verdade, um problema social gerado pela forma de organização da produção e distribuição dos alimentos (DE CASTRO, 2022). A partir da década de 1990, avançou-se para o conceito de segurança alimentar, formulado por governos em torno da Organização das Nações Unidas para Alimentação e Agricultura (FAO), com o objetivo de assegurar o direito humano à alimentação. Nesse contexto, caberia aos Estados implementar políticas públicas capazes de garantir o acesso a alimentos adequados (FAO, 1996). Pereira e Oliveira (2023) afirma ainda que:

“a Soberania Alimentar é o direito dos povos de escolherem como organização a produção e a distribuição dos alimentos, garantindo a autonomia de agricultores, extrativistas, pescadores, entre outros, sobre sua cultura e seus bens naturais, com vistas a assegurar uma alimentação justa e saudável para todos. Já a Segurança Alimentar refere-se à quantidade, qualidade e diversidade dos alimentos, garantindo uma vida saudável e ativa”.

Alguns fatores estruturantes para alcançar a soberania e a segurança alimentar incluem: a valorização da agroecologia, que promove alimentos saudáveis e conservação ambiental; o incentivo à agricultura familiar, que viabiliza a permanência das famílias no campo de forma sustentável; e políticas públicas como o Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (PRONAF), o Programa de Aquisição de Alimentos (PAA), o Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE) — que realiza compras públicas para a merenda escolar —, além do Guia Alimentar para a População Brasileira (GIORDANI; BEZERRA, 2017).

O conceito de Saúde Única<sup>4</sup> representa uma visão integrada que considera a interdependência entre saúde humana, saúde animal e saúde ambiental. Essa abordagem

---

4 Neste artigo, a expressão “Saúde Única” foi adotada como sinônimo de One Health. A Saúde Única é derivada do conceito de “Medicina Única” ou “Medicina Unificada” (One Medicine), formulado para mostrar a conexão entre a medicina humana e veterinária no contexto das zoonoses<sup>47</sup>, e da expressão “Um Mundo, Uma Saúde” (One World-One Health), criada para representar a interdependência entre a saúde dos humanos, dos animais e dos ecossistemas.



foi proposta por organismos internacionais como a Organização Mundial da Saúde (OMS), a Organização Mundial de Saúde Animal (OIE) e a FAO, reconhecendo o vínculo estreito entre ambiente, doenças em animais e saúde humana.

Quanto a oficialização da Saúde Única no Brasil, dois fatos são importantes: em 2019, o Ministério da Saúde criou o Grupo Técnico em Saúde Única no âmbito da Coordenação-Geral de Vigilância de Zoonoses e Doenças de Transmissão Vetorial (CGZV), do Departamento de Imunização e Doenças Transmissíveis (DEIDT), da Secretaria de Vigilância em Saúde (SVS); e, em janeiro de 2024, foi instituído pela Presidência da República do Brasil por meio da Lei nº 14.792, o Dia Nacional da Saúde Única, a ser celebrado, anualmente, no dia 3 de novembro.

Ailton Krenak, no livro *Ideias para adiar o fim do mundo* (2019), critica a concepção de humanidade como algo separado da natureza, afirmando que essa premissa antropocêntrica determina o desastre socioambiental de nossa era. Para o ativista indígena, nós

[...] fomos nos alienando desse organismo de que somos parte, a Terra, e passamos a pensar que ele é uma coisa e nós, outra: a Terra e a humanidade. Eu não percebo onde tem alguma coisa que não seja natureza. Tudo é natureza. O cosmos é natureza. Tudo em que eu consigo pensar é natureza (KRENAK, 2019, p. 17).

As transformações nas formas de relação entre os seres humanos e os bens naturais, atualmente pautadas pelas lógicas do lucro e da acumulação, vêm sendo amplamente analisadas por autores críticos, especialmente aqueles de inspiração marxista. Isso porque o avanço da agricultura sob a lógica capitalista aprofunda, simultaneamente, a exploração do trabalho humano e dos recursos naturais. Marx (2013, p. 462-463) já alertava que:

“[...] é um progresso na arte de saquear não só o trabalhador, mas também o solo, pois cada progresso alcançado no aumento da fertilidade do solo por certo período é ao mesmo tempo um progresso no esgotamento das fontes duradouras dessa fertilidade.”

O autor acrescenta ainda que:

“[...] a produção capitalista só desenvolve a técnica e a combinação do processo de produção social na medida em que solapa os mananciais de toda a riqueza: a terra e o trabalhador.”

Diante desse cenário, os discursos empresariais que defendem o Desenvolvimento Sustentável revelam uma contradição estrutural do capitalismo. Em vez de confrontar as bases da exploração da natureza e da força de trabalho, tais discursos buscam legitimar a continuidade do sistema, atribuindo um caráter “sustentável” às práticas econômicas hegemônicas. Trata-se, portanto, de uma tentativa de perpetuar a lógica capitalista, ao



mesmo tempo em que se ocultam seus impactos socioambientais mais profundos.

Partindo da perspectiva da Saúde Única, compreendemos que essa não é uma abordagem recente. Desde o século V a.C., Hipócrates, considerado o “pai da medicina”, já reconhecia que a saúde pública dependia diretamente de um ambiente saudável. No século XIX, o médico alemão Rudolf Virchow (1821–1902) afirmou que “entre a medicina animal e a medicina humana não existem linhas divisórias e nem devem existir.” Mais tarde, Schwabe (1927–2006) cunhou o termo “Medicina Única”, conceito que, no século XXI, evoluiu para “Saúde Única”, reconhecendo o ser humano como parte de um ecossistema vivo e interdependente (EVELISE, 2018).

Esse entendimento ganhou força com o 1º Congresso Internacional de Saúde Única, realizado em 2011 na Austrália, reunindo representantes de 60 países. Desde então, a Saúde Única vem se consolidando como uma abordagem colaborativa, multissetorial e transdisciplinar, voltada à promoção integrada da saúde humana, animal e ambiental. Nessa perspectiva, compreende-se que os problemas e soluções dessas três esferas são interligados e devem ser tratados de forma conjunta (SOUZA, 2014).

A abordagem da Saúde Única mobiliza diferentes setores, disciplinas e comunidades em todos os níveis da sociedade, promovendo o bem-estar coletivo e enfrentando ameaças aos ecossistemas e à saúde. Além disso, busca assegurar o acesso universal a água potável, ar puro, energia limpa e alimentos seguros e nutritivos, contribuindo também para o enfrentamento das mudanças climáticas e a promoção de um desenvolvimento verdadeiramente sustentável (SOARES, 2020).

Entre os benefícios dessa abordagem estão a formulação e implementação de políticas, programas, legislações e pesquisas que favorecem a comunicação e a cooperação intersectorial, com vistas a alcançar melhores resultados em saúde pública. Isso inclui ações como a resposta a pandemias zoonóticas, a promoção da soberania alimentar e nutricional, o enfrentamento da resistência antimicrobiana, a proteção da biodiversidade, o combate às mudanças climáticas, além do incentivo ao comércio justo e ao desenvolvimento sustentável (SAÚDE, 2023).

No entanto, a Agroecologia, ainda que promova saúde no meio rural, permanece pouco debatida no âmbito da Saúde Pública (AZEVEDO; PELICIONI, 2011). Frequentemente, é reduzida a um conjunto de técnicas agrícolas (SOARES; OLIVEIRA; MORAES, 2022). Para Melo e Wizniewsky (2020), é urgente superar essa visão limitada e reconhecer o potencial da Agroecologia como promotora de saúde humana e ambiental.

Essa articulação entre saúde e Agroecologia torna-se ainda mais relevante diante das múltiplas crises — democrática, social, sanitária e ecológica — que se aprofundam no



Brasil e no mundo (BURIGO; PORTO, 2019). A pandemia da COVID-19, inclusive, pode ser vista como um alerta para a necessidade de transformar profundamente a relação entre seres humanos e natureza (BARROS et al., 2020). Nesse contexto, o conceito de Saúde Única (One Health) reforça a interdependência entre a saúde humana, animal e ambiental, reafirmando a urgência de abordagens integradas e sustentáveis (LOSCH et al., 2022).

A partir de uma abordagem intersetorial orientada para a melhoria das condições de vida, a saúde passa a ser um objetivo transversal a todas as políticas públicas que visem à promoção da qualidade de vida, ampliando a compreensão do que significa saúde (CAPORAL, COSTABEBER e PAULUS, 2011). Azevedo e Pelicioni (2012) destacam a falta de diálogo entre os campos da Agroecologia e da promoção da saúde, mas apontam que essa aproximação pode enriquecer o debate sobre saúde rural e a formulação de políticas públicas.

Nesse sentido, o conceito de Saúde Única oferece uma abordagem teórico-metodológica capaz de orientar a formulação de programas, políticas públicas, legislações e pesquisas em saúde, contemplando a complexidade das dinâmicas saúde-doença e suas interações com o ambiente (LOSCH et al., 2022).

Diante disso, este trabalho teve como objetivo realizar um levantamento de artigos científicos com ênfase em Agroecologia e Saúde Única disponíveis na plataforma de pesquisa *Scientific Electronic Library Online* (SciELO) e na Plataforma CAPES.

## METODOLOGIA

Foram realizados procedimentos de pesquisa bibliográfica e revisão de conteúdo, com o objetivo de identificar e analisar produções científicas que abordem as interfaces entre os quintais agroecológicos e a abordagem da Saúde Única.

A pesquisa foi conduzida em duas etapas principais. Na primeira, realizou-se um levantamento bibliográfico preliminar para mapear os conceitos-chave e delimitar o escopo temático do estudo. Essa etapa teve como finalidade fornecer subsídios teóricos que fundamentassem a discussão, especialmente no que diz respeito à interrelação entre agroecologia, saúde humana, saúde ambiental e os saberes tradicionais vinculados aos quintais produtivos.

Na segunda etapa, foi realizada uma revisão da literatura com caráter exploratório,



buscando identificar artigos científicos publicados nas bases de dados SciELO e Periódicos CAPES. Para a plataforma SciELO, foi utilizado um recorte temporal dos últimos cinco anos, enquanto para os Periódicos CAPES, o recorte abrangeu os últimos dois anos, considerando a atualização e relevância dos temas no cenário científico contemporâneo. A busca foi realizada por meio do cruzamento dos descritores “quintais agroecológicos” e “saúde”, permitindo identificar estudos que abordassem de forma direta ou indireta essa interface temática.

Os critérios de inclusão definidos para a seleção dos estudos foram: publicações em português, inglês e espanhol; textos disponíveis na íntegra; e estudos que apresentassem alguma relação com os temas da agroecologia, saúde coletiva, saúde ambiental ou práticas integrativas no meio rural. Foram excluídos trabalhos duplicados, incompletos ou que não apresentassem aderência aos objetivos do estudo. A estratégia metodológica adotada configura-se como uma pesquisa bibliográfica do tipo revisão de escopo, que permite mapear o conhecimento existente sobre um determinado tema, identificar lacunas na literatura e sugerir direções para pesquisas futuras.

Os dados coletados foram sistematizados e apresentados de forma narrativa, organizados por categorias temáticas emergentes, e ilustrados por meio de quadros explicativos que sintetizam os principais achados. Essa abordagem permitiu observar as tendências, contribuições e ausências na produção científica relacionada ao tema, especialmente quanto à escassez de estudos que articulem diretamente os quintais agroecológicos à abordagem da Saúde Única. A análise dos dados aponta para a necessidade de aprofundar o diálogo entre os campos da agroecologia e da saúde coletiva, como forma de promover uma visão ampliada e integradora da saúde nos territórios rurais.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Ao final da busca, foram identificados apenas cinco artigos científicos que atenderam aos critérios de inclusão estabelecidos na metodologia deste estudo. Dentre esses, quatro foram publicados no ano de 2023 e um no ano de 2024. A seguir, apresenta-se um quadro resumo com as principais informações dos estudos selecionados:



**Tabela 1: Artigos científicos sobre Quintais Agroecologia e Saúde Única disponíveis no site Periódicos CAPES (2023-2024<sup>5</sup>). Busca realizada em maio de 2025.**

N	ANO	REVISTA
1	2023	Revista de Tecnologia & Gestão Sustentável
2	2023	Servicios Academicos Intercontinentales   DELOS Desarrollo Local Sostenible
3	2023	Cadernos Macambira
4	2023	Revista Eletrônica Científica da UERGS

Fonte: o autor.

**Tabela 2: Artigos científicos sobre Agroecologia e Saúde Coletiva disponíveis na Scielo (2018-2023). Busca realizada em maio de 2025.**

N	ANO	REVISTA
1	2024	Sociedade & Natureza

Fonte: o autor.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os quintais agroecológicos emergem como uma estratégia essencial e multifacetada para a promoção da Saúde Única, uma abordagem que reconhece a interdependência entre a saúde humana, animal e ambiental. Ao garantir a produção de alimentos nutritivos, diversificados e culturalmente adequados, os quintais fortalecem a segurança alimentar das comunidades rurais, contribuindo para a redução da vulnerabilidade alimentar e para a valorização da agrobiodiversidade local. Além disso, esses espaços funcionam como laboratórios vivos de conhecimento tradicional e inovação, nos quais práticas sustentáveis são preservadas e adaptadas, refletindo a

---

5A pesquisa no Portal de Periódicos da CAPES se **limita apenas aos últimos anos**, por motivo do tipo de acesso e variou também conforme a base consultada.



diversidade cultural e ambiental dos territórios.

Contudo, a pesquisa revelou uma expressiva lacuna na literatura científica que articule explicitamente os quintais agroecológicos com a Saúde Única. Apenas cinco estudos preencheram os critérios metodológicos estabelecidos, e a maioria desses trabalhos é muito recente, indicando que o interesse acadêmico por essa interface ainda está em fase inicial e demanda expansão. Essa carência reflete, em parte, a histórica fragmentação dos saberes e das práticas tradicionais, bem como a pouca integração entre os campos da agroecologia e da saúde coletiva no âmbito acadêmico e das políticas públicas.

A crescente atenção ao tema, observada na predominância das publicações a partir de 2023, pode ser interpretada como uma resposta às crises ambientais, sanitárias e alimentares globais, que exigem soluções integradas, interdisciplinares e territorializadas. Diante desse cenário, os quintais agroecológicos se destacam como espaços estratégicos para o desenvolvimento de sistemas alimentares sustentáveis, capazes de promover não apenas a saúde física dos indivíduos, mas também o equilíbrio dos ecossistemas e a justiça social.

É importante destacar que a valorização dos saberes locais, especialmente aqueles associados às mulheres agricultoras, é crucial para o fortalecimento desses sistemas. A gestão dos quintais muitas vezes está diretamente ligada às práticas e conhecimentos transmitidos por gerações, que articulam o cuidado com a terra, com os animais e com as pessoas, e que oferecem alternativas viáveis diante das pressões do agronegócio e das monoculturas. O reconhecimento dessa dimensão socioeconômica e cultural é fundamental para a formulação de políticas públicas eficazes que incentivem a agroecologia como um vetor de promoção de saúde em sentido ampliado.

Além disso, a promoção da Saúde Única através dos quintais agroecológicos requer uma abordagem integrada que vá além do aspecto produtivo, envolvendo educação ambiental, fortalecimento comunitário, e políticas que favoreçam a segurança e soberania alimentar. É preciso ampliar o diálogo entre pesquisadores, gestores públicos, comunidades rurais e movimentos sociais para construir práticas e conhecimentos que articulem as diversas dimensões da saúde.

Portanto, recomenda-se que futuras pesquisas invistam em abordagens interdisciplinares e participativas, que considerem as especificidades dos territórios e o protagonismo dos atores locais. Estudos qualitativos e quantitativos que investiguem os



impactos dos quintais agroecológicos na saúde humana, animal e ambiental são essenciais para consolidar o campo e subsidiar políticas públicas inovadoras. O avanço nesse sentido contribuirá para a construção de sistemas alimentares mais resilientes, justos e sustentáveis, alinhados com os desafios globais do século XXI.

Por fim, considerando o progresso contínuo da humanidade, a utilização da abordagem de Saúde Única torna-se fundamental para a existência de um futuro em que a saúde global esteja em harmonia com o ecossistema e possa refletir satisfatoriamente em todos os setores de interface.

## REFERÊNCIAS

ALMADA, D. S.; SOUZA, M. C. *Quintais agroecológicos como espaços de resistência ao modelo hegemônico de produção*. Revista Agroecologia Hoje, v. 9, n. 2, 2017. [complementar dados se disponíveis]

AMBRÓSIO, L. A. et al. *Quintais agroflorestais: uma alternativa de segurança alimentar e geração de renda*. Cadernos de Agroecologia, v. 1, n. 2, 2006. Disponível em: <https://revistas.aba-agroecologia.org.br>. Acesso em: 30 maio 2025.

AZEVEDO, M. L. S.; PELICIONI, M. C. F. *Agroecologia como promotora de saúde: uma abordagem para a atenção básica*. Ciência & Saúde Coletiva, v. 16, n. 3, p. 2363–2372, 2011.

AZEVEDO, M. L. S.; PELICIONI, M. C. F. *Agroecologia e promoção da saúde no meio rural*. Revista Saúde em Debate, v. 36, n. 94, p. 583–592, 2012.

BARROS, M. E. D. et al. *Agroecologia e saúde em tempos de pandemia: reflexões a partir de experiências no Brasil*. Revista Saúde & Ambiente, v. 23, n. 1, 2020. [complementar dados se disponíveis]

BURIGO, A. C.; PORTO, M. F. S. *Crise e resistência: Agroecologia e Saúde Coletiva em tempos de colapso*. Revista Ciência & Saúde Coletiva, v. 24, n. 10, p. 3647–3656, 2019.

CABALLERO-SERRANO, V. *Home gardens as reservoirs of agrobiodiversity: A case study in Latin America*. Agroecology and Sustainable Food Systems, v. 40, n. 8, p. 1–19, 2016.

CAPORAL, F. R.; COSTABEBER, J. A.; PAULUS, G. M. *Agroecologia e políticas públicas:*



*desafios para a promoção da saúde nos territórios rurais*. Revista Agroecologia em Debate, v. 1, n. 1, 2011. DE CASTRO, J. Geografia da fome. 2. ed. São Paulo: Editora Vozes, 2022. (Original de 1946).

EVELISE, M. B. *Saúde Única: uma abordagem integrada da saúde humana, animal e ambiental*. Revista Brasileira de Saúde e Produção Animal, v. 19, n. 4, p. 215–224, 2018.

FAO – FOOD AND AGRICULTURE ORGANIZATION. *Declaração de Roma sobre Segurança Alimentar Mundial*. Roma: FAO, 1996.

GIORDANI, R. C. F.; BEZERRA, I. N. *Guia alimentar para a população brasileira: uma ferramenta de educação alimentar e nutricional*. Revista Brasileira de Saúde Materno Infantil, v. 17, n. 1, p. 223–230, 2017.

KRENAK, Ailton. *Ideias para adiar o fim do mundo*. São Paulo: Editora: Companhia das Letras, 2019.

LOSCH, P. M. et al. *One Health: uma abordagem para a integração entre saúde humana, animal e ambiental*. Revista Saúde e Sociedade, v. 31, n. 1, 2022.

MARX, Karl. O Capital. [Livro 1] Crítica da Economia Política: O processo de produção do capital. 2013.

MELO, A. T. de; WIZNIEWSKY, J. G. *Agroecologia e promoção da saúde: desafios e possibilidades*. Revista Brasileira de Agroecologia, v. 15, n. 2, 2020.

NINEZ, V. *Household gardens: theoretical and policy considerations*. Economic Botany, v. 38, n. 2, p. 171–180, 1984.

OAKLEY, P. *A importância dos quintais agroflorestais para a segurança alimentar*. Revista Agricultura Familiar e Desenvolvimento Sustentável, v. 1, n. 1, 2004.

PEREIRA, L. A.; OLIVEIRA, R. L. Segurança e soberania alimentar: conceitos e políticas públicas. Revista Segurança Alimentar e Nutricional, v. 30, n. 1, p. 15–25, 2023.

PINILLA, L. C. D. *Os quintais como espaços de construção do conhecimento agroecológico*. Revista Extensão Rural, v. 26, n. 3, 2019.

SALAZAR-BARREIENTOS, J. A. *A importância da biodiversidade em quintais agroecológicos*. Revista Colombiana de Agroecologia, v. 10, n. 1, p. 99–110, 2015.



SAÚDE, M. da. *Saúde Única no Brasil: perspectivas e desafios*. Brasília: Ministério da Saúde, 2023. Disponível em: <https://www.gov.br/saude>. Acesso em: 30 maio 2025.

SOARES, L. A. *Sustentabilidade e saúde única: desafios da agroecologia para o futuro*. Revista Interdisciplinar de Estudos Ambientais, v. 15, n. 2, p. 122–140, 2020.

SOARES, L. A.; OLIVEIRA, J. R.; MORAES, E. M. *Agroecologia e saúde pública: caminhos para uma abordagem integral*. Revista Brasileira de Agroecologia, v. 17, n. 3, 2022.

SOUZA, F. L. *Saúde Única: fundamentos e aplicações práticas*. Revista Brasileira de Saúde e Meio Ambiente, v. 27, n. 1, p. 80–92, 2014.

The Lancet. *One Health: a call for ecological equity*. *Lancet*. 2023; 401(10372):169. doi: 10.1016/S0140-6736(23)00090-9